

Flores de Maria

Romance do Espírito Rosângela

Psicografado por Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho

1

Meu cãozinho, um labrador amarelo, olhava-me com expressão triste, como se quisesse, se possível, sofrer em meu lugar.

- Bob! - balbuciei.

Ele levantou-se e aproximou-se mais de minha cama.

Com esforço, passei meus dedos em sua cabeça, fazendo-lhe um carinho.

- Queria contar-lhe meu sonho - falei com dificuldade.

Bob me olhava atentamente. Talvez sentíssemos o mesmo desejo: sair correndo dali e irmos juntos a uma pracinha que ficava a dois quarteirões de casa. Éramos companheiros inseparáveis. E como eu não conseguia mais me levantar do leito, ele ficava em meu quarto, olhando-me, quietinho. Às vezes, latia baixinho, convidando-me a sair. Eu compreendia isso pelo seu olhar.

Eu estava doente havia algum tempo. Para mim, pareciam séculos. A doença faz muitos estragos na vida da gente, não só no corpo, mas em tudo e em todos à nossa volta. Sentia falta de muitas coisas de que antes desfrutava e das minhas amigas... Eram tantas... Agora, raramente vinham me visitar e, quando o faziam, ficavam com uma expressão de "coitada da Rô".

Minha família era unida e tornou-se mais ainda com as dificuldades pelas quais estávamos passando. Por causa de minha doença, os problemas aumentaram; meus pais se

endividaram, meus irmãos trabalhavam mais e todos estavam tristes e cansados.

Lembrei-me do sonho que tive. Não contei ao Bob, embora sempre que falava com ele, este prestava atenção, porém sabia que meu cãozinho não me entendia.

Sonhei com minha tia Ana Elisa. Ela era tia de minha mãe, irmã de minha avó. Desencarnou jovem. Não sabia direito o porquê ou de quê, pois sempre tem um motivo.

Acho que foi de tuberculose. Era muito bonita, como dizia vovó, que raras vezes comentava sobre o assunto. Nunca havia me interessado por essa tia, até que sonhei com ela, e foi um sonho agradável. Lembrei-me direitinho dela.

Eu sentia dores. Quando ficaram mais fracas, adormeci. Vi uma moça se aproximando sorrindo; ela passou carinhosamente as mãos em meus cabelos e falou:

"Rosângela, minha sobrinha, sou sua tia Ana Elisa e vim para levá-la para passear."

- Não posso sair do leito, estou muito doente - respondi.

"Logo você estará bem e virá morar comigo. Venha!"

Ela pegou na minha mão e levantou-me. Olhei para minha cama e lá estava meu corpo dormindo. Não dei importância e saí com ela. Pena que, após acordar, não conseguia recordar de tudo, apenas sentia-me descansada e com a sensação de ter saído para passear.

Contei meu sonho a todos os meus familiares. Mamãe comentou:

- Estranho você sonhar com alguém que não conheceu; nem eu a conheci. Mas se gostou do sonho, tudo bem!

Quando falei que titia Ana Elisa me disse que logo iria morar com ela, mamãe mudou de opinião. .

Esse sonho foi um bálsamo para mim. É tão ruim ficar doente, sentia muitas dores, fraqueza, estava sempre enjoada e a medicação era dolorosa.

No começo, quando me senti doente, acreditei que ia melhorar. Papai me afirmou isso e eu acreditei nele, pois nunca mentira. Depois compreendi que meu pai acreditava na

minha recuperação, queria tanto que isso acontecesse, que tinha por certo minha cura. Mas, com o passar do tempo, as esperanças foram diminuindo.

Mamãe entrou no meu quarto sorrindo. Tentei sorrir, mas acho que ultimamente meus sorrisos eram apenas caretas. Falei:

- Mãe, sonhei de novo com a tia Ana Elisa!

- O que ela queria desta vez? O que lhe disse? perguntou mamãe.

- Nada! Só me abraçou e me beijou.

- Não entendo porque você sonha com ela.

- A senhora não gosta que eu sonhe com a titia? perguntel.

- Nem gosto nem desgosto. Só acho que mortos devem ficar no lugar deles. Depois, parece que ela quer levá-la - falou mamãe suspirando.

- Mamãe - expressei-me com dificuldade -, ninguém tem culpa se estou doente. Sei que todos, até a tia Ana Elisa, tentam me ajudar e sou grata por isso. Eu não tenho medo dela! A senhora acha que se eu morrer, devo ficar no meu lugar?

- Quando você morrer sim, mas não será logo, morrerá velhinha.

- Muitos morrem jovens! - exclamei.

- Não você! - afirmou minha mãe com convicção. - Mamãe, não pense na morte dessa forma! Se morrer fosse tão ruim, Deus que é bom, não o iria permitir - conclui.

- Vamos falar de outra coisa? Não gosto de conversar sobre esse assunto.

Cansei e fiquei quieta. Não compreendia bem o porquê de meus pais não gostarem de falar na morte, já que todos nós morremos.

Lembrei-me do rosto de minha tia Ana Elisa: era lindo, e seu sorriso suave.

Pedi à vovó para ver de novo seu retrato, e ela o trouxe no dia seguinte.

- É com ela mesmo que sonho, vovó! - afirmei.

Passei a orar por ela, imaginava que, às vezes, tia estava perto de mim. Comentei com mamãe, que me disse:

- Você está sugestionada! Deve ter escutado tanto sua avó falar dessa irmã, que sonhou com ela. Sonhos são ficções, coisas da nossa imaginação!

Não me recordava bem dos meus sonhos, mas tinha certeza de que sonhara muitas vezes com tia e que ela me levava a lugares bonitos. Lembrei-me de um sonho no qual vi muitas crianças alegres e cantando.

Numa manhã, acordei com muitas dores, enjoos, e passei horas tentando não reclamar para não deixar mamãe mais triste. Quando consegui dormir, sonhei com tia novamente. Assim que a vi, perguntei a ela:

- Tia, vou melhorar?

"Não", respondeu ela com delicadeza. "Vai piorar e só depois melhorará."

- Vou morrer?

Tia sorriu e confirmou com a cabeça.

Acordei com a certeza de que haveria uma mudança em minha vida. Queria que meus pais compreendessem e não sofressem tanto.

A situação financeira em casa era muito ruim. Estavam tendo muitos gastos comigo. Meus avós, os quatro, ajudavam como podiam, acho que até no que não podiam. Meus tios também auxiliavam.

Mamãe insistia para que me alimentasse. Fazia o que eu gostava, dentro da minha dieta alimentar. Acho que eles, os cinco em casa, meus pais e meus três irmãos, não se alimentavam para que não me faltasse nada. Entristecia-me, queria que fosse só eu a sofrer. Compreendia que eles se sacrificavam, mas faziam com carinho e não sentiam isso como um sacrifício.

Solange chegou do trabalho e veio me ver.

- Como está se sentindo hoje minha irmãzinha linda? - Bem - respondi desanimada.

- Parece preocupada. O que aconteceu?

Solange tinha dezoito anos, era muito bonita, estudava à noite e trabalhava durante o dia, estava sempre atarefada. Era a única em casa que não tinha medo de falar na morte. Isso porque, segundo mamãe, ela conversava muito com uma amiga espírita. Gostava muito da companhia de minha irmã, mas não queria retê-la, pois tinha de ir à escola. Não respondi, só a olhei. Solange insistiu:

- Querida, você está com receio de alguma coisa? Está com medo da doença?

- Não sei... - respondi.

- Rosângela, a gente tem medo do desconhecido.

Lembra quando foi pela primeira vez à escola? Você não sabia como era, o que acontecia lá, então não queria ir, teve receio. Mas bastou ir e em poucos dias se adaptou, gostou, fez amigos e compreendeu que a escola era um lugar agradável e de muita importância, pois lá ia aprender muitas coisas.

- Será que a morte é assim? - perguntei.

- Não estou me referindo à morte - disse Solange.

- Mas deve ser assim - falei. - Temos medo porque não sabemos o que nos irá acontecer quando os órgãos do corpo cessarem suas funções. Deve ser como ir à escola. Você tem razão, não precisamos ter medo. Se Deus é Pai amoroso me levará para uma bonita escola, você não acha, Solange?

- Acredito que sim! - afirmou minha irmã com convicção. - Tenho certeza! Você é tão boazinha e está sofrendo tanto, que só poderá ir, após esta vida, para um lugar muito bonito. Não tema o desconhecido. Lembre-se de que basta conhecer!

- Solange, quando eu me for, console nossos pais! Promete? - pedi.

- Prometo, irmãzinha!

- Agora vá, quero dormir - falei carinhosamente.

Não estava com sono, porém não queria deter Solange para que ela não se atrasasse. Ela saiu do quarto. Fiquei

pensando e conclui que minha irmã tinha razão: tememos o desconhecido. Consolei-me, compreendendo que tudo fica mais fácil quando o conhecemos.

Tia Ana Elisa tinha razão, piorei muito, e, como não gostava de hospitais, pedi aos meus pais:

- Papai, mamãe, por favor, deixem-me aqui, não quero ir para o hospital e ficar longe de vocês.

Os dois se olharam, saíram do quarto para conversar e voltaram com a notícia:

- Rosângela, você não irá para o hospital - falou papai determinado. - O pior da sua doença já passou e você convalescerá aqui conosco.

- Obrigada, prometo não lhes dar muito trabalho. Aproveito que os dois estão comigo para dizer que os amo. Onde eu estiver os amarei. Sou muito grata a vocês. São os melhores pais do mundo! Não, do Universo!

Meus pais me abraçaram e me beijaram. Falei tudo isso devagar, às vezes, dando um intervalo. Estava muito fraca. Como a fraqueza dói! Sentia muitas dores, o câncer consumia meu corpinho, já tão fraco. Queria falar mais coisas sobre os meus sentimentos, mas estava muito cansada.

Imaginava sempre como seria bom, ficar alguns minutos sem aquela dor e sensação ruim. Desejava ficar como era antes de adoecer.

Eu achava que era impossível piorar, mas piorei. Quando, numa manhã, mamãe me trocou e vi que fizera, sem perceber, minhas necessidades fisiológicas na cama, sujando os lençóis, chorei baixinho.

- Não chore, Rosângela, eu a limpo num instante! - mamãe falou com carinho, consolando-me.

Minha mãezinha me limpou devagar e enxugou minhas lágrimas com beijos.

Ao ficar sozinha, orei e pedi a Deus pela primeira vez:

"Deus, meu Pai do Céu! Não sei por que sofro e sou motivo de tantos sofrimentos a todos aqui em casa. Só posso ter feito algo de errado que o Senhor não gostou. Desculpe-

me! Perdoe-me! Será que não dá para o Senhor levar-me? Sei que não devo querer a morte nem pedir para morrer. O Senhor sabe que nunca iria querer isso se estivesse sadia. Se me levar, ficarei agradecida."

Aí veio em minha mente a passagem do Evangelho em que Jesus orou no Horto das Oliveiras e pediu: Pai afasta de mim este sofrimento, porém faça Sua vontade e não a minha. Completei minha prece: "Deus, faça Sua vontade, mas, se for possível, atenda meu pedido! Ou seja, que a Sua vontade seja igualzinha à minha. Lembro ao Senhor que estou sofrendo muito, assim como todos aqui em casa. Acho que não vou melhorar, então me leve para me curar no Céu. Por favor!"

Senti paz e dormi. Não vou mais falar do meu sofrimento. Foram dias difíceis, até que adormeci com um sono tranqüilo.

2

Em meu sono não tive dores, e, às vezes, parecia escutar:

- Rosângela era tão bonita! Antes de adoecer era gordinha e corada!

- Ia completar quatorze anos, mas parecia ter dez. Que pena! Não viveu a vida!

- Os pais de Rosângela estão tão endividados com os gastos que tiveram com a filha, que terão de vender a casa, o único bem que eles têm e que, para o adquirirem, trabalharam tanto!

- Sofreu tanto a pobrezinha, que só pode estar no paraíso!

- Eu a amo filhinha! Sempre a amarei! Não quero ser egoísta querendo você conosco doente como estava. Mas está sendo dolorido vê-la afastar-se de nós – dizia meu pai.

- Vá com Deus, meu anjinho! Com você irá um pedaço do meu coração! - mãe falava, parecendo cochichar ao meu ouvido.

- Ro! - ordenou Solange, minha irmã. - Não tema o desconhecido! Aceite com gratidão o que receberá e lembre-se de que queremos que esteja bem, assim como você quer que fiquemos.

"Ora, deixem-me dormir, porque há tempos que não tenho um sono tão gostoso!", exclamei recusando-me a ouvir mais comentários.

Determinei a mim mesma que não ouviria mais nada. Virei-me na cama sozinha, passei a mão pelo meu corpo e percebi que não estava de fralda, mas sim sequinha e cheirosa.

"Que sono mais agradável! Ninguém me acordou para me dar uma injeção! Vou aproveitar para dormir mais! Estou com muita sede e fome. Fome? Há tanto tempo não sinto vontade de comer!", falei baixinho.

Levantei o lençol, sentei-me na cama com facilidade, virei a cabeça, ri e continuei a falar:

"Estou sonhando! Fantástico! Tem um copo de suco e uma tigela de sopa na mesinha de cabeceira. Vou comer! Nem que seja no sonho, vou alimentar-me com prazer."

Tomei o suco, que estava delicioso, e a sopa de legumes, saborosíssima. Limpei a boca com o guardanapo e espreguicei-me.

"Vou dormir!", pensei.

"Engraçado, nunca antes sonhei que dormia. Está tão gostoso aqui! Queria tanto ficar por instantes sem aquela sensação da doença. Agora que estou bem, mesmo que em sonho, irei aproveitar." Virei-me várias vezes na cama, deliciando-me por fazer isso, acomodei-me e dormi.

Acordei achando que dormira por horas. Abri os olhos devagarzinho temendo sentir dores e aqueles horríveis mal-estares. Continuei sentindo-me bem. Sorri, ou melhor, ri mesmo. Tive vontade de gargalhar, coisa que há tempos não fazia, pois se fizesse sentiria muitas dores. Ri alto por minutos, sem me importar com as outras duas meninas que estavam nos leitos ao lado do meu. Quando parei, uma delas, que sorria ao me ver rir, exclamou:

- Que alegria! Você está feliz! Por que ri?
- É bom rir e não sentir dores! Vou aproveitar este sonho. Vou levantar e pular! - respondi.

Levantei-me com facilidade, subi na cama, pulei cantando uma marchinha, uma música de sucesso da época. Minha voz era forte como antes de adoecer. Alegre em me ouvir, cantei mais alto. A menina que me dirigiu a palavra cantou comigo, e a outra ficou só me olhando, e acabou sorrindo. Uma moça muito bonita entrou no quarto, olhou-nos, aprovando. Quando cansei, sentei-me na cama com as pernas cruzadas. Estava com um pijama azul-clarinho, limpinho e cheiroso.

- Bom dia, queridas meninas! - cumprimentou a moça.

- Bom dia! - respondemos as três.

- Por que você está tão alegre? Por que pula, ri e canta?
- indagou a menina que ficou só olhando.

- Ora, é maravilhoso para quem não faz isso há tempos - respondi. - Pedi a Deus para que pudesse me sentir sadia por alguns minutos. Estou doente, nem vinha dormindo ultimamente, mas agora sinto-me bem. Então, estou aproveitando este sonho agradável!

- E se você não estiver sonhando? - perguntou a menina que me observava.

- Não estou sonhando? - indaguei espantada, olhando para a menina que cantou comigo.

Ela negou com a cabeça. Fiquei quieta por alguns instantes e comecei a observar o lugar onde estava. Era um quarto grande, arejado e com uma janela enorme. As camas eram cor-de-rosa, com desenhos de coração na cabeceira. Havia maistrês leitos vazios. Tudo arrumado, limpo e cheiroso.

Sempre gostei de tudo limpinho e com cheiro agradável. Ultimamente, por mais que mamãe e minhas avós me limpassem, não ficava limpa por muito tempo e o odor do meu quarto não era agradável. Acho que foi por isso que este local agradou-me tanto. As três me olhavam. Repeti a pergunta:

- Não estou sonhando?
- Não, não está - respondeu a moça.
- Curei-me, então? De repente? Por que estou tão bem assim? Milagre? Só se for por Deus! - disse rindo.
- Você não pensa em morrer? - perguntou a menina que me observava.

Não respondi à indagação e falei apresentando-me:

- Meu nome é Rosângela, e vocês quem são?
- Sou Lourdes, muito prazer! Espero que continue aqui conosco - respondeu a menina que cantou comigo.
- Sou Valda! Alegro-me por vê-la bem! Se precisar de mim, por favor, chame-me - apresentou-se a moça.

Olhei para a outra menina. E ela falou:

- Sou Fátima! Prazer!

Ri de novo e desculpei-me:

- por favor, desculpem-me! Está sendo tão prazeroso não sentir dores que não consigo parar.

As três riram comigo. Parei e indaguei:

- Se não estou sonhando e se me curei, o que me aconteceu?

Você não respondeu o que Fátima lhe perguntou.

- Você não pensa na sua morte? - indagou Lourdes.

- Penso sim, até pedi a Deus perdão por querê-la - respondi.

- Então, Deus a perdoou e atendeu. Você morreu! - exclamou Fátima.

- Querida, não fale assim! - pediu Valda com olhar reprovador.

Parei de rir, olhei como de costume para minhas mãos e comecei a estalar um dedo de cada vez. Tinha o costume de fazer isso todas às vezes em que me encontrava em situações difíceis. Observei meus dedos, estavam gordinhos, as unhas rosadas.

Fátima começou a chorar se lamentando:

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

